

## **O VAZIO NOS TRABALHOS DE CASSIA ARESTA**

*THE EMPTINESS IN THE WORKS OF CASSIA ARESTA*

**Janaina Schwambach**

Doutora em Artes Visuais/IFSUL  
janainaschwambach@gmail.com

**Elaine Schimidlin**

Doutora em Artes Visuais/UESC  
s.elaine@gmail.com

### **RESUMO**

O ensaio apresenta uma pesquisa qualitativa com uso de entrevista e análise do trabalho poético da artista brasileira Cassia Aresta, radicada em Florianópolis, Santa Catarina. Não se trata de uma pesquisa bibliográfica e sim, uma articulação de seu trabalho com a noção de arte como bloco de sensações de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Segundo esses autores, a arte cria *perceptos* e *afectos* e para Deleuze, é na diferença que desenvolve seu pensamento, acreditando que a relação entre os conceitos e/ou objetos ocorrem nas ligações de força, não nos objetos em si ou na vida daquele que produz. Desse modo, defende que o artista, músico ou literato crie sua própria linguagem para instituir algo que seja singular, que produza um devir na língua, ou seja, que faça diferença ao sair de um padrão de normalidade. Assim, as pinturas e colagens de Cassia, com influências do construtivismo, produzem vazios em criações geométricas que dão a impressão de estarem em suspensão e movimento, numa complexa justaposição das formas. Em deslocamentos sutis e repetitivos, seu gesto produz diferença com criações singulares que provocam sensações.

**Palavras-chave:** Cassia Aresta. Diferença. Perceptos. Afectos. Forças.

### **RESUMEN**

El ensayo presenta una investigación cualitativa mediante entrevistas y análisis de la obra poética de la artista brasileña Cassia Aresta, radicada en Florianópolis, Santa Catarina. No se trata de una búsqueda bibliográfica, sino de una articulación de su obra con la noción de arte como bloque de sensaciones de Gilles Deleuze y Félix Guattari. Según estos autores, el arte crea *perceptos* y *afectos* y para Deleuze es en la diferencia que desarrolla su pensamiento, creyendo que la relación entre conceptos y/u objetos se da en conexiones de poder, no en los objetos mismos ni en la vida de los seres el que produce. Así, defiende que el artista, músico o literato cree su propio lenguaje para instituir algo que sea único, que produzca un devenir en el lenguaje, es decir, que marque la diferencia al dejar un estándar de normalidad. Así, las pinturas y collages de Cassia, influenciados por el constructivismo, producen huecos en creaciones geométricas que dan la impresión de estar en suspensión y movimiento, en una compleja yuxtaposición de formas. En desplazamientos sutiles y repetitivos, su gesto marca la diferencia con creaciones únicas que provocan sensaciones.

**Palabras clave:** Cassia Aresta. Diferencia. Perceptos. Afectos. Fuerzas.

## Introdução

*Quero acreditar que o meu trabalho sempre tem uma pequena sutileza que muitas vezes passa despercebida, mas quando percebida é nela que eu acredito que posso tocar em algo dentro do observador.*

(Cassia Aresta, entrevista concedida às autoras, janeiro 2017).

O ensaio<sup>1</sup> apresenta o trabalho de Cassia Aresta<sup>2</sup>, brasileira, nascida em Florianópolis, Santa Catarina, em 1956. A artista iniciou sua graduação em São Paulo/SP, porém não a finalizou, completando sua formação em diversos cursos e ateliês sob orientação de outros artistas. Profissionalmente, trabalhou com direção de arte em agências de publicidade, ateliê de cerâmica com artistas e finalmente, assumiu a pintura como sua linguagem preferencial na carreira artística, tendo participado de diversos salões, tanto no Brasil, quanto no exterior. Neste texto, primeiramente apresenta-se a questão conceitual e, em seguida, o trabalho de Cassia Aresta. Para finalizar, a escrita ressalta as sutilezas presentes no trabalho da artista como pesquisas cromáticas que produzem sensações pelo uso de cores e formas que acentuam a percepção pelo fato de serem estranhas, inusitadas e, ao mesmo tempo, harmoniosas e vibrantes na sua diferença (Figura 1).



Figura 1. Cassia Aresta, Composição 3-15, 2015. Pigmento em algodão.  
Fonte: <http://www.mvarte.com.br/cassia-aresta>

<sup>1</sup> O presente ensaio foi realizado no ano de 2017, porém, se mantém atualizado em relação aos conceitos, como também, às obras e vida da artista.

<sup>2</sup> Artista visual representada pela Galeria Helena Fretta, escritório de arte Myrine Vlavianos, Acervo55 e Galeria de Arte Sérgio Gonçalves. (Dados coletados novamente em agosto/2021).

### **Sensações, *perceptos*, *afectos***

Na publicação *O que é filosofia?*, Deleuze e Guattari (1992) diferenciam três formas de pensamento: a filosofia, a ciência e a arte. Todos os saberes estão no mesmo nível, mas não se identificam, pois, a filosofia cria *conceitos*, a ciência *prospectos* e a arte *perceptos e afectos*. Para Deleuze existem dois espaços de pensamento, um diz respeito à diferença (pluralista, ontológico, ético, trágico e imanente), outro, espaço da representação (dogmático, metafísico, moral, racional e transcendente). Portanto, é na diferença que desenvolve seu pensamento, acreditando que a relação entre os conceitos e/ou objetos ocorrem nas ligações de força, não nos objetos em si ou na vida daquele que produz. Desse modo, defende que o artista, músico ou literato crie sua própria linguagem para instituir algo que seja singular, que produza um devir na língua, ou seja, que faça diferença ao sair de um padrão de normalidade. Para Deleuze, segundo Machado (2009: 14), “a filosofia – como a ciência, a arte, a literatura – define-se, portanto, por seu poder criador ou, mais precisamente, pela exigência de criação de um novo pensamento”. Para tanto, as concepções filosóficas em Deleuze, especialmente a partir de Nietzsche e Espinosa, instauram métodos de seleção em seu modo de pensar a filosofia que diz respeito à potência. A referência a Nietzsche, filósofo da vontade de potência e do eterno retorno, é essencial para a compreensão da crítica ao pensamento da representação e a constituição do pensamento da diferença em Deleuze. Assim, Deleuze utiliza-se do conceito de forças nietzschianas.

Para Manguiera e Bonfim (2014), "pensar o conceito de força para Nietzsche é, na verdade, pensar em forças. Uma força, segundo o pensador alemão, se define pelo complexo de relações que ela mantém com outras forças e é justamente dessa interação entre diferentes forças que os mais variados corpos são produzidos". Assim, o objeto (enquanto fenômeno) e o sujeito (enquanto corpo pensante) "são antes de tudo um conjunto de forças" (Manguiera; Bonfim, 2014, p.622). Para Deleuze, a vida e o viver não existem na forma exterior do corpo, ou seja, na representação, pois está subordinada à identidade, portanto "a essência de uma coisa é descoberta na força que a possui e que nela se exprime, desenvolvida nas forças em afinidade com esta, comprometida ou destruída pelas forças que nela se opõem e que podem prevalecer: a essência é sempre o sentido e o valor" (Deleuze, 2001, p.63). Deste modo, a força se faz na diferença enquanto vontade de potência.

Para Deleuze e Guattari (1992), a união das forças ativas é móvel, transita entre os campos; possuem a vontade de potência constituída na diferença. A singularidade da diferença

necessita coragem, necessita interromper o processo de repetição para se expandir, superar e se tornar maior, efetivar-se. É dizer sim para o devir num infinito jogo de vontades...

“Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese) mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indeferênciação tal que já não seja possível distinguir-se de *uma* mulher, de *um* animal ou de uma molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não pré-existentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população” (Deleuze, 1997, p.11).

Portanto, o modo de criar em literatura e arte seriam as visões, audições, que surgem a partir dos interstícios e dos desvios da linguagem em devir. Assim, a arte cria sensações, pois “tem a capacidade de permanecer independente às referências ou simulacros, pois com sua força de potência, rompe com o convencional” (Marcelo, 2017). Os *perceptos* e *afectos* extrapolam as sensações; a arte faz nascer outros mundos, uma língua nova dentro da própria linguagem. Ao se mostrar atemporal, dialoga com o passado e o presente, e nesse vazio, vibra sua força de criação, independente do material, pois seus *perceptos* e *afectos* sobrevivem como monumentos, como bloco de sensações. Segundo Wuldson Marcelo (2017), “a arte imersa ou fomentada por esses elementos engendra um monumento (que parece ativar a memória, mas não está “acorrentada” a ela), monumento este que não celebra o passado, mas presentifica o acontecimento”. O que se conserva não é o material, e sim a sensação na eternidade, logo, “o que se conserva, a coisa ou a obra de arte, é um bloco de sensações” (Deleuze, Guattari, 1992, p. 213).

Por conseguinte, o acontecimento se dá num conjunto de sensações, o *percepto* não é a percepção, são descrições autorais que veem o mundo de outra forma, já os *afectos* são as sensações que atuam nas relações com as coisas e sobre as coisas em modos de sentir. Segundo Deleuze (1992, p.171):

Os perceptos não são percepções, são pacotes de sensações e de relações que sobrevivem àqueles que os vivenciam. Os afectos não são sentimentos, são devires que transbordam aquele que passa por eles (tornando-se outro). [...] O afecto, o percepto e o conceito são três potências inseparáveis, potências que vão da arte à filosofia e vice-versa (Deleuze, 1992, p.171).

Essas outras maneiras de ver e sentir o mundo escapam a corrente dominante, suas diferenças se dão no devir, desterritorializam, são reais, porém, há de se ter cuidado, pois o perigo de perda e/ou queda é uma possibilidade quando a força é ativa. Os afectos vibram, enlaçam, fendem, ... Esses compostos de sensações estabelecem a relação do artista e/ou obra com o público, o artista além de inventar afectos nos dá a possibilidade de transformá-los, pois “não estamos no mundo, tornamo-nos com o mundo, nós nos tornamos, contemplando-o. Tudo

é visão, devir. Tornamo-nos universo” (Deleuze, Guattari, 1992, p. 220).

### **Cassia Aresta**

A pintura é a técnica que Cassia mais aprecia, mas o papel, material de alguns de seus trabalhos, desperta um certo fascínio – palavras da própria artista. Em sua trajetória artística, teve como mestres, mentores e referências os artistas: Ligia Pape, Ligia Clark, Oiticica, Willys de Castro, Barsotti, Sacilotto, Lizzaraga, Dan Flavin, François Morelet, Frank Stella e Aurelie Nemours. Seu percurso é construtivista, trabalha com formas geométricas, cores, linhas, planos e o espaço (Figura 2). Cassia afirma, "exploro o máximo a fragmentação das figuras. Na pintura-objeto (como eu as intitulo) determino novas leituras. [...]. Estabeleço o diálogo da forma com a cor para chegarem a uma sutil relação. Onde um e outro são muitas vezes um só" (Fonseca, 2017).



Figura 2. Cassia Aresta, *Janela de Euclides 50*, 2012. Acrílica sobre tela.  
Fonte: <http://www.mvarte.com.br/cassia-aresta>

Entre conjuntos e/ou séries, tela branca e papéis coloridos, Cassia procura reduzir a composição até chegar ao mínimo das formas, o máximo de redução. José Gil (2010, p. 23) comenta que “o que fica quando desaparece o referente e toda a forma de representação de uma forma real é a força, a força da sensação”. Essa busca acontece pelo encontro estético com as

forças durante o processo, em oposição à estética das formas. Desse modo, suas criações resultam de uma série de experimentações - ao manipular o material a obra surge e se desdobra em outras - o conceito fica implícito ao fazer. Trabalha em várias obras ao mesmo tempo, sempre respeitando o tempo de cada, seja pelo material usado, ou pela construção que necessita pausa, observação, estranhamento, espera. Para a artista, esse é o grande aprendizado, "conhecer e falar com o material que trabalhamos. Muitas vezes vêm deles a resposta para os assuntos estabelecidos para trabalhar" (Fonseca, 2017). Por conseguinte, quando se trata de uma série, uma produção desencadeia outra, numa sucessão linear de criação; forma, cor e matéria assumem o mesmo corpo em equilíbrio.

Ao ser questionada sobre suas inspirações, Cassia argumenta:

Eis algo difícil de responder. Tudo seria injusto falar, mas tudo o que minha essência percebe. Claro que meu olhar já tem uma busca com o geométrico, mas estar deitado numa relva também trás assunto para ser levado em conta e transforma em arte. Ler um bom livro, ver um bom filme, ir a uma excelente exposição, uma boa discussão de arte e por aí vai. (Entrevista concedida às autoras, janeiro 2017).

O encantamento que a artista possui pela natureza, muitas vezes registrado em fotografias, se transfigura e assume plasticidade oposta ao orgânico. As obras de Cassia são limpas como seu ateliê, quase uma "asepsia paranoica", as formas milimetricamente justapostas pedem uma organização inerente ao processo, beirando a perfeição de um trabalho quase matemático. Para a artista, a geometria é "[...] a maneira como percebo as coisas. E a geometria é a maneira de se colocar as coisas no mundo e fora dele. É o conceito mais puro e imutável." Nesse sentido, sua organização busca o equilíbrio, mas não a perpendicular do eixo 90 graus, é a suspensão das formas disponibilizadas no espaço, numa sinergia, espécie de ballet de formas e cores, entrelaçamentos entre as formas e forças. Para Paulo Klein (2017), "através de estruturas geométricas, articuladas ludicamente, ela multiplica as relações entre forma e cores, para "construir o espaço e o tempo desejados". Assim, cria sensações ótico-sensoriais que relacionam espaço/tempo, "o tempo acontece, ora marcado pelo movimento das linhas na obra em série, ora pelo intervalo das mesmas dando ritmo, ora pela divisão de cores" (Klein, 2017), (Figura 3).



Figura 3. Cassia Aresta, *Composição 1*, 2015. Pigmento em algodão.  
Fonte: <http://www.mvarte.com.br/cassia-aresta>

Entre os espaços de cor há um equilíbrio quase que palpável, a dança das formas causa harmonia aqueles que observam. O volume das formas provoca um certo desejo de toque, uma vontade de se aproximar, principalmente pela profundidade dissimulada (Figura 03). A escala se modifica com o espaço, alguns trabalhos exigem a solidão, outros, necessitam de seus pares. É um jogo de equilíbrio, uma brincadeira que relembra o Tangram. Para Cassia, *apud* Klein (2017):

Nos deslocamentos, criando assimetrias, mudo a noção topológica do equilíbrio. Gero com toda plenitude estrutural meus denominados ob(ra)jetos. Acredito que a poética da minha obra está no campo perceptivo, criado com formulações matemáticas que induzem o observador a participar do projeto construtivo, como uma viagem introspectiva em si mesmo (Klein, 2017).

Entre as formas, existe uma linha tênue, quase que imperceptível, ela aparece, se mistura, e as vezes rompe com a composição. Não é uma linha livre, pois marca as trocas de cor, as mudanças das formas e direciona o sentido horizontal, vertical ou diagonal da composição (Figura 4). Os trabalhos semelhantes visualmente, são realizados em diversos suportes e técnicas, alguns em papel, outros com tinta e madeira ou tela. Mesmo mudando o suporte, a linha poética permanece, há sempre um jogo quase racional na busca do equilíbrio.

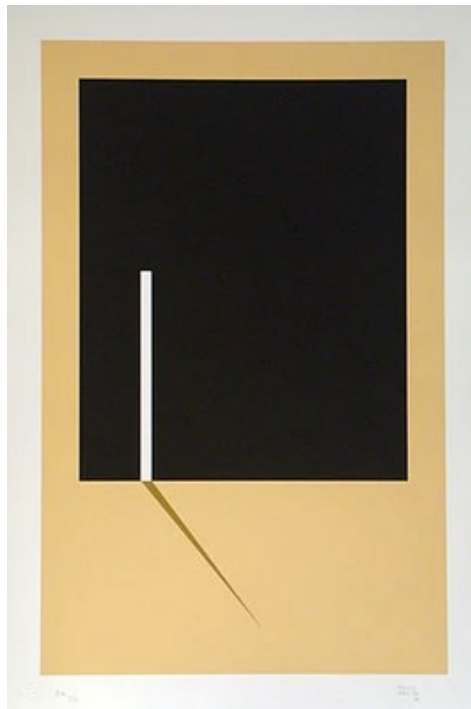


Figura 4. Cassia Aresta, *Número 8*, s/d. Serigrafia.  
Fonte: <http://www.mvarte.com.br/cassia-aresta>

## Conclusão

O trabalho de Cassia vai além das influências construtivistas, pois consegue produzir algo singular com os mesmos princípios e características do movimento. Porém, em sua poética, produz um devir, pois cria a diferença, não imita e não representa, sai dos eixos e desterritorializa a forma, a cor, o volume e o espaço. Suas obras, na maioria bidimensionais, têm profundidade, no entrecruzamento sustentado por uma linha, assim, a forma ganha força porque se transforma em potência. Ao revelar o vazio que circunda entre as formas, cria pontos de devir, em que a sensação se torna vibrátil, sendo que a vida pulsa não na justaposição das formas, mas na relação entre elas, com o espaço e com o espectador.

As forças invisíveis nos trabalhos de Cassia residem no vazio que provocam, sendo possível sentir o silêncio. Se o mundo está um caos (palavras da artista), seu trabalho estabelece o equilíbrio, e é aí que a força se encontra, na fenda entre observar a natureza, experimentar o material e o devir do processo.

Portanto, a força dos trabalhos de Cassia Aresta começa no momento em que a artista observa o mundo, ao transformar o caos em forma pura, sendo que o vazio se estabelece não no material, mas nas ausências ilimitadas pela linha, num deslocamento sutil que diferencia os trabalhos da mera classificação construtivista. A suspensão das formas muda a intensidade dos



planos com o fundo, distanciam figuras e fendem para uma perspectiva dissimulada, portanto, "o fundo vibra, se enlaça ou se fende, porque é portador de forças apenas vislumbradas" (Deleuze; Guattari, 1993: 235). De certo modo, seu trabalho traz à superfície as forças invisíveis que povoam o fundo de toda obra ao traçar figuras de aparência geométrica que transbordam a força daqueles que são atravessados por elas. Assim, percebe-se os *perceptos e afectos* em sua plena definição, pois os trabalhos nos afetam e nos fazem devir.

## REFERÊNCIAS

Aresta, Cassia. Disponível em: <http://cassiaresta.wixsite.com/cassia-aresta>. Acesso em: janeiro/2017.

Cassia Aresta. Entrevista concedida. Florianópolis, Brasil, 2017.

Deleuze, G. **Conversações: 1972 – 1990**. São Paulo, Editora 34, 1992.

Deleuze, G. **Crítica e clínica**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997.

Deleuze, G. **Nietzsche e a Filosofia**. Porto, Portugal: Editora Rés-Editora, Lda., 2001.

Deleuze, G. Guattari, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

Machado, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

Klein, Paulo. Texto para o livro “**The Art Book Brasil – Geometrias**”, org. Paulo Klein, Ed. Decor Books, São Paulo, 2010. Disponível em URL: <http://www.mvarte.com.br/tc-cassia-aresta>. Acesso em: janeiro/2017.

Fonseca, Mario. **Mario Fonseca entrevista Cassia Aresta**. Disponível em URL: <http://conversaartes.blogspot.com.br/2014/06/marcio-fonseca-entrevista-cassia-aresta.html>. Acesso em: janeiro/2017.

Gil, José. **A arte como linguagem**. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2010.

Marcelo, Wuldson. **A invenção na arte – devires e sensações na filosofia de Deleuze e Guattari**. Disponível em URL: [http://lounge.obviousmag.org/nostalgicas\\_primicias/2014/01/a-invencao-na-arte-devires-e-sensacoes-na-filosofia-de-deleuze-e-guattari.html#ixzz4XM85PQLW](http://lounge.obviousmag.org/nostalgicas_primicias/2014/01/a-invencao-na-arte-devires-e-sensacoes-na-filosofia-de-deleuze-e-guattari.html#ixzz4XM85PQLW). Acesso em: janeiro/2017.

Mangueira, Maurício. Bonfim, Eduardo M. da Silva. **Força versus Representação: O legado de Nietzsche na filosofia de Gilles Deleuze**. In: *Kriterion*, Belo Horizonte, no 130, Dez./2014, p. 619-635. ISSN: 0100-512X. Disponível em URL: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2014000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000200010). Acesso em: janeiro/2017.